

## Notas sobre a crise da URSS<sup>1</sup>

---

Wilson Cano

A crise do chamado *socialismo real* constitui fato da maior importância no mundo contemporâneo, ao eliminar a bipolaridade (Estados Unidos-URSS) existente até fins da década de 80, com o que os Estados Unidos passaram a exercer crescente dominação *de fato* sobre a maioria dos países capitalistas, tolhendo-lhes em graus diferentes a soberania nacional, notadamente no uso da política econômica.

Essa crise é resultado de um processo cumulativo interno e externo ao socialismo. A partir da década de 70, a retomada da hegemonia americana e a eclosão da “crise da dívida” (veja-se o caso da Polônia), tornam abertas algumas das fissuras daquele sistema, ampliadas a partir de 1985 com a *Perestroika* e culminando em 1989 com a ruptura do *bloco socialista da URSS*. Nesse processo, também chegam ao fim as experiências socialistas africanas e algumas asiáticas, assistindo-se à ruptura socialista dos países do leste e do centro europeu e ao desmantelamento da antiga URSS.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas era constituída pela atual Rússia e outras 14 repúblicas, totalizando 300 milhões de habitantes (150 milhões só na Rússia). Sua população era composta por mais de uma centena de etnias professando vários credos. Seu enorme território era de 22,4 milhões de km<sup>2</sup> (17 milhões km<sup>2</sup> na Rússia), tendo distâncias máximas de 10.000 km no sentido WE e de 5.000 km no de NS. Embora muito bem-dotado de recursos naturais, sua conformação geográfica é complexa e sua vizinhança geopolítica era problemática. Em que pese o tamanho de seu território, grande parte dele oferece más condições naturais para a agricultura (apenas 10% do território é terra arável) e de difícil adaptação humana, notadamente no inverno.

Com sua implosão institucional em 1991, quatro de suas repúblicas se tornaram independentes (a Geórgia e os bálticos), recusando-se a fazer parte da nova Comunidade de Estados Independentes (CEI), que substituiu a URSS. Essa saída de países implicou pequena redução da área do antigo território (1%) e da população (3%), mas de cifras maiores no que se refere à produção agropecuária, à industrial e inclusive ao monumental arsenal nuclear da antiga URSS.

### 1. Da Revolução ao início da Guerra Fria

Diante das enormes dificuldades políticas e econômicas herdadas da Primeira Guerra Mundial, do atraso econômico do país (80% da população ainda era rural) e dos problemas decorrentes da implantação do socialismo num só país, Lenin optou por um “recoo temporário”, implantando modalidades de política econômica (através da *Nova Economia Política*) que pudessem estimular o desenvolvimento de um *capitalismo de estado* que, posteriormente, pudesse proporcionar as condições para a transição ao socialismo.<sup>2</sup>

---

(1) Este texto é produto de minhas anotações e reflexões em viagem recente (outubro de 1999) a Moscou, decorrentes de conversas com intelectuais russos, de informações econômicas recentes e de leitura de uma pequena bibliografia sobre a URSS, especialmente os trabalhos de Fernandes (1992, 1999) e de Maidanik (1995).

(2) Obviamente, o fato de que a URSS era o único país socialista do mundo, colocava permanentemente em questão a discussão sobre a necessidade da instauração do socialismo em outras partes do mundo, no mínimo, com o objetivo de criar *economias internacionais solidárias*, que pudessem contornar o crescente Imperialismo capitalista.

Para isso, os passos principais foram: concessões temporárias para o capital privado externo e interno, para investimento produtivo ou arrendamento de empresas preexistentes; permissão para instalação de empresas com capital privado e público; tratamento especial ao comércio, via pagamento de comissões de comercialização e estabelecimento de relações comerciais entre o governo e as cooperativas privadas. Ao mesmo tempo, as dificuldades com os rombos do Balanço de Pagamentos levaram o governo a proibir o turismo das elites, a suspender os pagamentos do serviço da dívida externa e da remessa de lucros e a instituir o monopólio de comércio exterior.

Com sua morte em 1924 e a ascensão de Stalin, os rumos sofreriam profunda mudança, com a instituição dos Planos Quinquenais a partir de 1928. A primeira e drástica (porém absolutamente necessária) medida foi a declaração de inconvertibilidade do rublo. É justo que se diga que as mudanças não decorreram exclusivamente em face da nova liderança, mas, principalmente, pelos conturbados fatos que marcaram a segunda metade da década de 20, com a crescente desorganização econômica internacional, o aumento da volatilidade do capital financeiro internacional, ascensão do fascismo, e aumento das tensões externas da URSS, principalmente com Alemanha, Itália e Inglaterra. A constante ameaça externa, a fragilidade da estrutura produtiva interna e o fato de que a URSS continuava a ser o único país socialista do mundo, deslocou o eixo central da política econômica para a tentativa de consolidação do socialismo, via implantação da indústria pesada, a qual pudesse, em parte, ser também convertida para a produção bélica.

Com efeito, os bens de produção, que em 1928 representavam um terço da produção industrial, passam a representar pouco mais de 60% ao iniciar-se a 2ª Grande Guerra. No mesmo período, a taxa de investimento da economia triplica, de 7% para 21%. Para tanto, o agravamento da desorganização econômica internacional advindo da “Crise de 1929” favoreceu essa guinada, permitindo à URSS contratar, com o capital internacional, absorção tecnológica do ocidente, ampliando seu endividamento externo. O enorme esforço de acumulação e transformação proporcionou à URSS uma das maiores taxas de crescimento do PIB: entre os três primeiros planos quinquenais a média anual situou-se entre 12 e 16% e os dados de longo prazo (entre 1913 e 1950) mostram aumento acumulado de 150% (semelhante ao do Brasil) enquanto o dos Estados Unidos atingia 80%.

A Segunda Guerra proporcionaria notável expansão geopolítica do socialismo: pela ação direta do Exército Vermelho ou de processos locais revolucionários, ele se estendeu ao leste e ao centro europeu e, após a guerra, à Ásia, África e América Latina. Na Guerra, o poderio militar da URSS mostrou-se por completo, e a ajuda militar recebida das potências capitalistas teria atingido valores relativos a 2% das armas, 11% dos tanques e 14% dos aviões utilizados.

Contudo, o esforço de industrialização foi penoso, principalmente sobre o setor agrícola e sua população rural. Foi daí que se extraiu o excedente para financiar a colossal acumulação, até 1928, via tributação e depois via *coletivização compulsória* da terra. Não cabe nestas notas discutir a possibilidade de formas alternativas para esse financiamento, ressaltando-se inclusive que o avanço do socialismo e os constrangimentos exercidos pelas lideranças capitalistas restringiram e condicionaram fortemente as possibilidades de maior inserção comercial e financeira internacional para a URSS. A coletivização foi muito problemática, não só pelos penosos sacrifícios impostos à população rural, mas também à chamada *eficiência produtiva da agricultura socialista*.<sup>3</sup>

A expansão socialista soviética e a asiática (China e Coreia) suscitaram violentas reações dos Estados Unidos e seus liderados, dando surgimento e expansão ao fenômeno da *Guerra Fria*, desenvolvido via expansão do militarismo e de medidas políticas e principalmente econômicas constrangedoras ao mundo socialista, causando-lhe não só difícil inserção econômica internacional

---

(3) Além da bibliografia citada, ver o breve resumo (numa visão crítica) sobre o tema em Shanin. O tema contudo está contemplado em ampla bibliografia, abarcando não só seu problema direto (a agricultura e a industrialização) mas também o conjunto de problemas sociais e políticos suscitados por essa política.

mas também e principalmente a necessidade de um gigantesco esquema de segurança nacional e internacional.

A permanente tensão militar obrigou ao planejamento e à prática de formas peculiares de implantação industrial e de infra-estrutura. Esta, além de dar suporte à economia, tinha também de dar conta da ameaça externa (principalmente aérea e terrestre), com o que a URSS foi obrigada a promover enorme descentralização desses investimentos e a implantar sistemas pouco ou nada compatíveis com os similares ocidentais. A indústria, por sua vez, obedeceu a diretrizes socialistas e de defesa, sendo igualmente descentralizada, regionalmente especializada e de plantas com escalas dez vezes maiores que as similares capitalistas. Com a agricultura também ocorreu fenômeno semelhante: grandes escalas e produção regional especializada.

Entretanto, o sucesso político e militar externo e o decorrente do avanço da produção de bens de produção e de alto nível tecnológico em vários desses ramos, não eliminavam os percalços decorrentes da baixa eficiência agrícola e da restringida oferta de bens de consumo. Acresça-se que, em face da tensão da Guerra Fria, os constrangimentos políticos internos também cresceram, como cresceu a *burocratização da gestão econômica e da política* pelo Estado, ampliando o estoque de restrições e insatisfações políticas do povo, e deslocando para um indefinido horizonte temporal a questão das liberdades políticas e de consumo.

## **2. Distensão política, auge e estagnação da economia**

Após a morte de Stalin e o armistício da guerra da Coreia (1953) e o término da guerra da Indochina (1954) tem início um processo de distensão política com os Estados Unidos. O pós-guerra foi dedicado à reconstrução da devastação causada pela guerra e à discussão da revisão dos marcos centrais da política econômica, para a expansão e diversificação dos bens de consumo. Em face dos problemas de inserção econômica internacional do conjunto dos países do bloco e para o enfrentamento de seus problemas cambiais, foi criado em 1949 o COMECON (Conselho de Assistência Econômica Mútua), para organizar as trocas comerciais entre seus membros e atenuar alguns problemas (de trocas e de pagamentos) com terceiros países. Após algumas marchas e contramarchas políticas, com a ascensão de Kruchev (1958/64) são realizadas algumas reformas econômicas e políticas internas, prejudicadas contudo por fatos internacionais que ameaçavam a distensão, como a crise que resulta no afastamento da China e a crise com os Estados Unidos, em face dos foguetes instalados pela URSS em Cuba. Com a queda de Kruchev se dá o longo período de Brejnev (1964/82).

Neste, embora avance a distensão com os Estados Unidos, no plano econômico foram criados novos projetos de difícil construção, como a tentativa de instaurar um processo de divisão internacional socialista do trabalho, com especialização agrícola e industrial entre os vários países, que, embora solucionasse algumas questões econômicas, criava novos problemas de dependência política e econômica para com a URSS.

Por outro lado, a *era Brejnev* também foi responsável pelo aumento da burocratização, políticas salariais incoerentes e aumento da corrupção. Embora a URSS tenha atingido a vanguarda tecnológica em vários setores (bélicos e espaciais, principalmente), foi, ao longo dessas três décadas, perdendo terreno em vários dos outros ramos produtivos, notadamente nos de consumo, em face da citada priorização à indústria pesada (para a produção de bens de produção). Entretanto, a expansão produtiva e a comercial externa propiciaram ao bloco obter taxas de crescimento tão altas quanto as da OECD (4,6% anuais, entre 1950 e 1973), com a da URSS sendo de 5,1% e a do Leste Europeu de 4,7%.

Contudo, elas eram consideravelmente menores do que as observadas no período anterior, mostrando já uma desaceleração da economia e, portanto, incapazes de promover a convergência dos padrões de consumo material de suas populações face às dos países capitalistas avançados, acirrando assim, o volume das insatisfações. A estagnação do padrão de crescimento é explicitada a partir daí, mostrando, no período 1974/88, taxas médias de crescimento anual entre 1,7% (URSS) e 2,5% (Leste), porém semelhantes à apresentada pela OECD (2,5%). Ainda assim, o esforço das reformas possibilitou que o nível médio da produtividade da economia da URSS, entre 1950 e 1987, aumentasse 359%, bem acima da dos Estados Unidos (210%) e da Inglaterra (272%), pouco abaixo das cifras da Itália e da Alemanha, mas muito abaixo das do Japão (968%).

### 3. A era Gorbachov

A crise do socialismo se deve a fatores *externos e internos*. Vejamos resumidamente os primeiros. A crise internacional (financeira e produtiva) que assola os países da OECD a partir de 1973, também contaminou os demais países, inclusive os socialistas, seja pelo baixo crescimento do produto e do comércio exterior, seja pelo esgotamento do padrão tecnológico até então vigente. A crise da dívida externa, precipitada a partir de 1979, pela atitude unilateral dos Estados Unidos em elevar fortemente as taxas de juros, possibilitou a esse país retomar sua hegemonia, então considerada “perdida”, e quebrar financeiramente todos os países endividados – entre os quais vários socialistas –, e ainda causar forte restrição do crédito internacional. Disso decorreu a valorização artificial do dólar, repondo a inquestionabilidade dessa moeda como equivalente geral internacional, e obrigando o mundo capitalista – notadamente Japão e Alemanha – a financiar o enorme rombo das contas públicas e das externas dos Estados Unidos. A crise contaminou não só os países subdesenvolvidos capitalistas, mas também os socialistas.

Em 1983 o governo norte-americano anunciava que poria em órbita seu novo aparato bélico, o *Star Wars*, num momento em que as condições políticas e econômicas da URSS já estavam francamente debilitadas e, por isso, seria impossível uma tentativa de retaliação tecnológica e militar. Em 1985/86, com a ascensão de Gorbachov, este se convence de que era necessária a reestruturação – a *perestroika* – e a transparência política – a *glasnost* –, para o que um conjunto (já muito conhecido no ocidente) de reformas neoliberais deveria ser adotado no âmbito econômico e no político, para o que foi pesadamente estimulado, pelos Estados Unidos e pela Alemanha, inclusive com mirabolantes promessas de *generosos recursos internacionais*. A crise culmina com a *queda do muro de Berlim* em 1989, que precipitaria a reunificação alemã.<sup>4</sup>

É sintomático do ardil imperialista o fato de que os Estados Unidos retardaram o quanto puderam o ingresso da URSS nas principais instituições internacionais: é admitida no GATT só em 1990 e no FMI e no BIRD só em 1991, quando a profundidade da crise era transparente e inspirava temores de uma possível catástrofe social. Acrescente-se o fato de que Gorbachov não procurou manter as instituições socialistas do COMECON e do Pacto de Varsóvia, ambas liquidadas em 1991, chancelando com isso o poder econômico e militar dos Estados Unidos. Ainda entre os fatores externos, são também apontadas as “invasões” do espaço socialista pela mídia capitalista, via moderno sistema de telecomunicações, bombardeando a região em prol do consumismo e pregando as liberdades políticas.

---

(4) A antiga República Federal parece, em parte, também ter se enganado com a reunificação, haja vista que, naquele momento, era previsto um período de três a quatro anos para a sua execução e recursos da ordem de US\$ 120 bilhões. As últimas cifras anunciadas em 1998 davam conta de que o processo já havia consumido US\$ 1,2 trilhão e que ainda restariam mais quatro ou cinco anos de gastos, equivalentes a 4% do PIB anual da Alemanha...

Entre os fatores internos cabe destacar os seguintes: (i) os elevados gastos militares, que impediam melhor priorização para o consumo; (ii) gestão centralizadora nas empresas; (iii) esgotamento do padrão de ciência e tecnologia; (iv) a débil integração econômica internacional; (v) a burocratização e centralização da política e da gestão da política econômica; (vi) a debilidade de participação política da sociedade civil, diante do poder absoluto de seu unipartidarismo (PCUS); (vii) o erro estratégico de favorecer as reformas políticas antes de equacionar a questão econômica; (viii) a forma fragmentada, lenta e pouco refletida com a condução da *perestroika*.<sup>5</sup>

Com efeito, e ao contrário do que fez a China (“primeiro a economia depois a política”), no período 1985/91 Gorbachov desencadeou uma série de medidas complexas e delicadas: (i) diminuir o poder do PCUS, e mais tarde instituir o sistema multipartidário; (ii) ampliar o poder do Executivo e, moderadamente o do Legislativo; ampliar o poder das Repúblicas, o que daria azo ao desenvolvimento rápido de movimentos de rebeldia para a independência de algumas; (iii) diminuição e fragmentação do Estado e redução do contingente das Forças Armadas; (iv) ampliação dos “poderes do mercado”.

Como se vê, várias dessas medidas encerravam conflitos e contradições entre si, pelo enfraquecimento de um Estado que deveria, ao contrário, ser mantido coeso, tanto para conduzir a *perestroika* quanto, principalmente, para manter as coesão territorial. Ao cortar o poder monopólico do PCUS nada tinha para substituí-lo, além de uma nova constituição de partidos políticos sem qualquer tradição e organização.

Segundo Maidanik, as elites derrubadas – notadamente a burocracia “econômico-administrativa” – eram em sua maioria “stalinistas” perante a opinião pública e unicamente queriam a restauração de seu poder e o acesso ao patrimônio público, agora em processo de privatização. Isto era reforçado pelo simples e óbvio fato de que ali inexistiam capitalistas para assumir esse processo, salvo os da máfia. Aliás era o que estava ocorrendo em todas as repúblicas soviéticas e em certa medida, também no Leste Europeu.

Esse autor enfatiza que a *perestroika* deveria ter sido conduzida *gradualmente*, dadas as tremendas dificuldades econômicas internas e externas, acompanhada não só pela manutenção de um Estado organizado, mas, principalmente, por um processo, também gradual, de diminuição do autoritarismo, de ampliação dos direitos da população e do desenvolvimento do pluripartidarismo. Ora, estas condições não estiveram presentes nesse processo: a quebra do partido único, em face da herança da vida política do povo, suscitou apenas um pluripartidarismo de oportunismo e conveniência privados; a desorganização do sistema financeiro, comercial e de abastecimento não pôde ser solucionada pelo mercado; a substituição de uma economia fortemente centralizada pelo mercado gerou, como seria de esperar, crise de produção, políticas salariais inconseqüentes em muitas empresas, desabastecimento, inflação e desemprego.

Segundo Fernandes, já era perceptível, a partir de 1986, uma gradativa guinada à direita do discurso de Gorbachov, e pondo em prática medidas que antes dizia serem “anti-socialistas”. Já em 1987, em seu famoso *best seller* “Perestroika”, dizia: “Não desejamos, de modo algum, forçar o rompimento desses laços (os interesses dos países desenvolvidos com os seus fornecedores de matérias primas, os subdesenvolvidos) e tampouco provocar rupturas em relações de interesse econômico mútuo historicamente estabelecidas”. Ou ainda, como fiel *neodependentista*: “Todos nós, no mundo atual, temos uma dependência mútua e nos tornamos cada vez mais indispensáveis uns aos outros. Essa é a nova realidade do mundo em que vivemos: estamos ligados aos destinos de todas as nações do planeta”. Ou numa outra frase ainda mais sintomática do abandono da visão crítica entre o capitalismo e o socialismo: “As antigas e novas preocupações da humanidade podem se resumir a uma única questão: como proceder para acabar com a fome e a miséria em vastas áreas da Terra? Aqui também o trabalho conjunto...(internacional)... pode trazer grande benefício para a

---

(5) Maidanik é enfático ao dar maior importância aos fatores ii a viii.

humanidade”. Ou, em trabalho contemporâneo de um de seus principais auxiliares (A. Kozyrev): “O mito de que os interesses de classe do socialismo coincidem com os dos países em desenvolvimento no que se refere à resistência ao imperialismo não resiste à menor crítica.”<sup>6</sup>

Acrescento ainda a falta de percepção (ingenuidade ou cumplicidade?) de Gorbachov e seus economistas para as enormes dificuldades que a URSS teria para privatizar suas indústrias, dentro dos marcos de um regime de mercado, em face dos internacionalmente conhecidos problemas da localização e da escala de suas principais plantas industriais, que, pelo *cálculo capitalista*, resultam em anacronismos microeconômicos, e, portanto, dificilmente suscetíveis de administração privada via lucro.

A rápida outorga de maiores liberdades às repúblicas e o agravamento da crise estimulou rapidamente lutas por independência, o contragolpe e o golpe de Ieltsin. Primeiro, o contragolpe de agosto de 1991, quando uma Junta apoiada na cúpula do Estado e das Forças Armadas tenta evitar a fragmentação da União e do poder soviético internacional. Contudo, estas forças políticas, perante a opinião pública, eram vistas como a tentativa da “ressurreição” do stalinismo, e, assim, não tiveram maior apoio popular, sendo derrotadas pelo movimento legislativo liderado por Ieltsin, que, rapidamente (1990/91), assumiria a Presidência da Rússia, conseguiria altos poderes discricionários para si, e em seguida extinguiria a URSS (substituindo-a pela CEI), com o que deu o “golpe de mestre” eliminando automaticamente o cargo de Gorbachov...

É preciso remarcar, com Maidanik, a complexidade da reação (ou falta de) política da população diante do quadro caótico político e econômico resultante: sua herança cultural e política é profundamente anticomunista, no sentido de que a prática stalinista (e de seus seguidores) pouco tinha a ver, aos seus olhos, com o professado por Marx e Lenin. Ainda assim, cerca de 40% da população apoiava explicitamente os valores socialistas, recusando-se à perda de muitos direitos conquistados ao longo de sete décadas.

#### 4. Um pequeno balanço do desastre<sup>7</sup>

Desde a ruptura do socialismo soviético, o período 1989/99 acumula, para o bloco “URSS-CEI”, uma inacreditável queda de 50% no PIB: no caso isolado da Rússia, uma queda de 48% e no conjunto dos países bálticos, queda de 45%. Os países do antigo Leste Europeu acumulam até 1993, queda média de 35%, passam por certa recuperação, mas ainda em 1997 apresentam queda acumulada de 20%.

No caso da Rússia, sua renda média anual por habitante teria se reduzido, de US\$ 8.500 para US\$ 3.800. Os atuais nove países ex-socialistas do Leste, e candidatos ao ingresso na União Européia (UE), apresentam hoje cifras equivalentes a US\$ 3.300 ou menos de 15% do nível médio na UE (US\$ 22.400). Essas simples cifras mostram não só a longa distância que separa esses países dos da UE, mas o longo e difícil caminho que os espera para o sonho da “ida ao Primeiro Mundo”.

Na Rússia, entre 1989 e 1999, o PIB agrícola acumula queda de 30%, mas no industrial, a cifra é de 62%! Com a desorganização da produção e do abastecimento, o desemprego atingia em 1999 mais de 10 milhões de trabalhadores ou cerca de 15% da PEA e a inflação superou entre 300% e 400% o aumento dos salários, reduzindo 45% da população à condição de pobreza. Assim, promoveram violento rebaixamento de ampla camada da “classe média” e das (poucas) elites anteriores que não aderiram ao “novo esquema”, o de Ieltsin. Para que se tenha uma idéia mais clara sobre isto, basta dizer que os docentes de universidades ou pesquisadores de nível *senior* recebem

---

(6) Fernandes (1992: 200-214) faz breve resumo da cronologia e das principais medidas da *perestroika*. Os textos citados de Gorbachov e de Kozyrev são transcritos das páginas 194 a 198 desse livro.

(7) Cifras colhidas em Moscou, no *Institute of World Economy and International Relations* e em Naciones Unidas (1997).

hoje salários equivalentes a US\$ 50, convertendo-os, também, em *novos pobres*... A alternativa para estes, dentro dos princípios mínimos da ética, é a de tentar obter múltiplas ocupações, ou seja, o sobretrabalho.

A desorganização da economia, o desemprego e a miséria fizeram surgir ou renascer outras formas de sobrevivência, como as do escambo (inclusive de produtos industriais), do plantio de alimentos em quintais e jardins, uma acelerada expansão do crime e da prostituição e uma redução absoluta da população, que tem sido estimada em 500.000 pessoas por ano.

A inexistência de capitalistas locais, o pouco interesse até agora demonstrado pelo capital internacional, as dificuldades já apontadas para a privatização e as decorrentes do desmantelamento do Estado, deixaram vasto campo para os pequenos e médios oportunistas (os antigos dirigentes burocráticos e de empresas) e, principalmente para a Máfia russa, que está estendendo seus tentáculos *legalizados* nos principais segmentos da economia. São estes que constituem hoje a camada dos *novos ricos*, e que ostentam publicamente padrões elevados de consumo. A própria “Guerra da Chechênia”, segundo me informaram em Moscou, está impregnada pelos interesses da Máfia sobre os negócios petrolíferos. Por sua vez, e ao que tudo indica, sua independência (ela é uma república autônoma da Federação Russa) será evitada – ainda que com muito sangue – pelo fato de que os oleodutos e gasodutos provenientes do Cáucaso e do Cáspio atravessam seu território, e sua independência plena poria em risco grande parte do gás e do petróleo hoje explorados pela Rússia.

Mas, ao contrário do que afirmaram os liberais, não só é imprevisível o tempo que tomaria uma completa transição ao capitalismo, como a própria transição é questionável, dadas as imensas dificuldades presentes e futuras, a grande diversidade estrutural que se verifica entre suas regiões e populações e o limitado interesse até o momento revelado pelo capital internacional, para fazer a necessária reestruturação rumo ao capitalismo. Além disso, o cenário internacional – principalmente o asiático – não está de forma alguma definido. De um lado, a persistência da crise do Japão é inquietante, e mais cedo ou mais tarde ela terá algum desiderato, não necessariamente “pró ocidental” e, em qualquer hipótese, o Japão terá que promover ampla rearticulação de seus interesses externos e de seus atuais e futuros parceiros da região.<sup>8</sup>

A China, que em 1979 recebeu dos Estados Unidos, o “convite ao desenvolvimento”, para que pudesse constituir um contraponto à URSS, a partir da dissolução desta já não é tão necessária como antes, tendo recebido o velho recado de que deveria procurar a OMC, o FMI e o BIRD, como devem fazer todos os demais *passageiros do planeta*...<sup>9</sup> China e Japão poderão tentar criar novas articulações – dentre e fora da Ásia – para se defender do *Big Brother*.

As recentes atitudes do novo Presidente da Rússia – Putin –, reconcentrando no governo central vários e fortes poderes (regionais e do legislativo) anteriormente descentralizados por Ieltsin e a manifestação conjunta que fez recentemente com a China, contrariando interesses e decisões dos Estados Unidos sobre o delicado assunto balístico internacional mostram que o *Leão* ainda está respirando. É o que também se pode depreender da leitura de sua plataforma político-econômica apresentada antes das eleições.<sup>10</sup>

Wilson Cano é professor do  
Instituto de Economia da UNICAMP.

---

(8) Sobre o tema da crise asiática e de suas perspectivas ver os trabalhos de Fiori (1998), o de Melin (1997) e Torres Filho (1999) sobre o Japão, e os de Coutinho (1999) sobre a Coreia do Sul, de Medeiros (1999) sobre a China.

(9) Por “convite ao desenvolvimento” quero me referir às benesses e permissibilidade junto a organismos internacionais que os Estados Unidos, de acordo com seus próprios interesses, têm proporcionado a um número restrito de países, como por exemplo, ao Japão e à Alemanha em 1947 ou à Coreia do Sul em 1952.

(10) Um resumo desse programa pode ser lido em Pomeranz (2000).

### **Bibliografia**

- COUTINHO, L. Coréia do Sul e Brasil: paralelos, sucessos e desastres. In: FIORI, J. L. (Org.). *Estado e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FERNANDES, L. M. *URSS: ascensão e queda*. 2. ed. São Paulo: Ed. A. Garibaldi, 1992.
- \_\_\_\_\_. Rússia: do capitalismo tardio ao socialismo real. In: FIORI, J. L. (Org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FIORI, J. L. Poder e dinheiro: lições que vêm da Ásia. In: FIORI, J. L. (Org.). *Globalização: o fato e o mito*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Estado e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MAIDANIK, K. *Las alternativas de Rusia*. México: UNAM – Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 1995. (Coleção El Mundo Actual).
- MEDEIROS, C. A. *China: entre os séculos XX e XXI*. In: FIORI (1999).
- MELIN, L. E. O enquadramento do Iene: a trajetória do câmbio japonês desde 1971. In: TAVARES, M. C., FIORI, J. L. (Org.). *Poder e dinheiro – uma política econômica da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- NACIONES UNIDAS. *Estudio Económico renda Social Mundial 1997*. Nueva York: Naciones Unidas, 1997.
- POMERANZ, L. Eleições na Rússia: o fenômeno Putin. *Sociedades em Transformação*, São Paulo, USP-IEA-GEPSt, abr./jun. 2000.
- SHANIN, T. Coletivização na União Soviética. *Reforma Agrária*, São Paulo, n. 3, dez. 1989; mar. 1990.
- TORRES FILHO, E. T. *Japão: da industrialização tardia à globalização financeira*. In: FIORI (1999).